

## DOUTRINA

### Como deve ser o Policial

ROGÉRIO MACHADO.

Diretor do Departamento de Investiga-  
ções da Polícia Civil de Minas Gerais.

Polícia é um órgão-técnico do poder executivo, regido por preceitos regulamentares, com o objetivo de fiscalizar o cumprimento das leis, incumbindo-lhe, precipuamente, a manutenção da ordem e segurança públicas.

É uma instituição de finalidade complexa, imprescindível à garantia da vida e à integridade física dos cidadãos, de seus bens materiais, da sua honra.

Sem um aparelhamento policial eficiente, impossível a existência de uma sociedade bem organizada, e quanto mais civilizado um povo mais adiantada deve ser a sua polícia.

A polícia inglesa, por exemplo, que é das mais notáveis do mundo, comprova a veracidade dessa afirmativa, mostrando a evidência que o seu instrumento de segurança pública *reside no adestramento técnico do pessoal que a serve.*

Representante da lei, o policial deve saber colocar-se à altura das árduas funções inerentes ao cargo, manifestando-se conscientemente, contra os que delinquem, investigando e elucidando os crimes.

É uma das mais nobres e espinhosas profissões, se praticada com civismo, probidade e inteligência.

Quando assim exercitada, lembra a antiga Cavalaria, cuja carreira era percorrida a lances de bravura e renúncia.

O aspirante se iniciava na qualidade de humilde pagem, a serviço de nobres, e, após o crivo de um longo apren-

dizado, passava a escudeiro, competindo-lhe acompanhar o respectivo chefe à guerra, onde o auxiliava nas pelejas.

E só depois de porfiadas lutas e sangrentos embates era admitido à Ordem e sagrado cavaleiro, prestando solene juramento de eterna fidelidade à divisa da Cavalaria, a cujo serviço teria de morrer, se preciso fôsse, "pelo seu Deus, pela sua Dama, pelo seu Príncipe".

Assim, onde quer que se manifestasse uma violência e se tornasse necessário reparar uma injustiça, ou revidar uma afronta, aí estaria o cavaleiro impávido, com o seu penache e sua espada, a desferir golpes que eletrizavam as almas...

Do mesmo modo que naquele tempo já não se improvisavam cavaleiros, que anteriormente eram submetidos a um penoso tirocínio, assim também, hoje, para que a polícia possa desempenhar o cargo de modo útil, torna-se mister que lhe sejam conferidos ensinamentos especializados.

Tais ensinamentos, que variam dos exercícios físicos e ginástica aplicada até à educação intelectual, moral e cívica exigem que o aspirante seja portador de um organismo sadio, sem o que jamais conseguiria tornar-se um policial perfeito.

Portador duma moléstia infecciosa, deformidade ou tique nervoso qualquer, o homem da polícia não poderia praticar a profissão, cuja aspereza é de sua própria essência.

Além da necessária robustez, o policial deve ser ágil e apto a enfrentar quaisquer transviados da lei, algumas vezes verdadeiros atletas.

Seria deprimente o mantenedor da ordem pública se tornar impossibilitado de defender o princípio da autoridade, deixando-se subjugar, por falta de educação física.

A primeira condição do policial, pois, é ter saúde, ser forte, bem disposto e conhecedor de todas as chaves de defesa e ataque, a fim de que, em momento indeterminado, não seja colhido de surpresa e impossibilitado de agir.

Sério, entrave, também ao desempenho da profissão é a ignorância de certas disciplinas especializadas.

Não estando regularmente familiarizado com a Língua Pátria, Geografia, Aritmética etc., como poderá o policial fazer, por exemplo, uma comunicação de uma ocorrência, com clareza e sem omissões de detalhes?

Não tendo ligeiras noções de Retrato Falado, Identificação, História Natural, Direito Criminal, Organização Policial, como poderá descrever as características antropológicas, e o conjunto facial, por exemplo, de um indivíduo cuja identidade seja necessária à polícia?

E como estabelecer diferença entre o que seja contravenção e crime, e como discriminar a natureza de ferimentos nas diversas partes do corpo de qualquer ofendido?

Óbvio, portanto, que o policial não pode prescindir de todos os conhecimentos acima enumerados que constituem o mínimo a ilustrar-lhe o espírito para o manejo do cargo.

Dai a necessidade de uma escola para o adestramento daqueles que desejarem ingressar nas fileiras da polícia civil, que, exercida como deve ser, torna-se um verdadeiro sacerdócio.

Tamanhos os sacrifícios, tão nobilitantes as obrigações exigidas no policial que, muitas vezes têm de expor a vida em defesa do próximo e assim sendo, em verdade, não será exagêro classificar de sacerdócio tão espinhosa profissão.

E certamente assim o será, como já o é em muitos países europeus, onde o policial é um padrão de altruísmo e honradez e por isso acatado em todas as camadas sociais que nêle reconhecem seu verdadeiro defensor contra os malfetores.

Tanto quanto a educação física e intelectual, o homem da polícia necessita possuir, cultura moral e cívica, porquanto, indetificado com os direitos de cada um, agirá sempre com critério e justiça.

E não usará de violência senão por superveniência de justa causa, hipótese em que se justifica o emprêgo de força contra os que desobedecem, desacatam e resistem, sob pena do poder de polícia tornar-se inoperante e até ridículo.

Mas essa violência não deve chegar ao extremo de perturbar a tranqüilidade coletiva, nem ferir direitos individuais, pois é dever dos representantes da lei, precisamente, proteger a sociedade contra os que a ferem.

Ora, a polícia não sendo composta de elementos selecionados, não possuindo um instituto técnico que ensine e prepare seus prepostos a ter consciência de seus deveres, de respeito à liberdade, à vida, à propriedade alheia: sendo ao invés, um conglomerado de indivíduos sem preparo algum e semi-analfabetos, como desempenhar, satisfatoriamente, a espinhosa missão de defender a sociedade contra as atividades dos que delinqüem?

Da falta de conhecimento de técnica policial se originam desacertos desagradáveis que muitas vezes acarretam consequências funestas, ocasionando males irreparáveis.

Não são isolados os exemplos de violências inúteis que ferem direitos respeitáveis, tais como prisões, que não se justificam: buscas e apreensões inadequadas; flagrantes mentirosos; inquéritos de cujo bôjo emergem falsos dizeres e confissões forjadas. Violências que se graduam desde a injúria chocante de palavras ofensivas ao amor próprio do acusado aviltante e cruel esbofeteamento, quando não o assassinio de vítimas inermes.

Polícia não é isso!

E daí a falta de confiança, a má-vontade, o horror à instituição benemérita que devia usufrutar a estima, o carinho, o respeito dos mais eminentes representantes da cultura social às mais humildes camadas populares.

O policial honesto, e de espírito humanitário, pode e deve cumprir seus nobilíssimos encargos de prevenir crime, ou reprimi-lo, investigar o delito, garantir a ordem, assegurar a tranqüilidade, proteger os que se julguem ameaçados, velar pela estabilidade do governo — dentro do quadrante da disciplina, correção, energia serena e dignidade humana.

Para isto é necessário que lhe sejam ministrados conhecimentos de educação cívica e moral, sem o que, não

adquirirá o justo critério do cumprimento do dever, nem poderá zelar pela reputação de seu nome, nem da instituição a que deve servir.

O policial deve estar atento e ter energia precisa para reagir e julgar, pela força de vontade, os baixos sentimentos de deslealdade, indisciplina, desonestidade, covardia, bajulação, inveja, intriga, maledicência que tantas vezes afloram ao espírito dos fracos, sempre na certeza de que essas deformidades morais são demasiadamente subalternas e que muito aviltam, desmoralizam e rebaixam o indivíduo, marcando o caráter que deve ser impoluto no policial digno dêsse nome.

Assegurando as franquias de cada um, protegendo os oprimidos e manifestando-se, indistintamente, contra os que violam as leis, o policial oferece um nobre exemplo de civismo, tendo sempre em mira que o direito e a justiça devem prevalecer sobre a violência.

Vale positivar, e de modo irrefragável, que o homem da polícia, sejam quais forem as emergências de sua acidentada vida, deve pautar os seus atos, rigorosamente, dentro dos limites da urbanidade, polidez, bom-humor, lhanza, disciplina, obediência ao superior, discreção, coragem, dominação de obstáculos, pontualidade, diligência, serenidade, asseio, espírito de cooperação e camaradagem, lealdade, tolerância, energia, bondade e honradez. Constituem tais sentimentos o código de honra e a norma quotidiana de agir.

O policial civilizado e moderno não pode, de modo algum, oferecer triste e decepcionante espetáculo de homem grosseiro, sem educação e cruel, despido de todos os sentimentos elevados que enobrecem o espírito e fortalecem uma instituição, despido de força moral.

Como os cavaleiros que com tanta galhardia pelejavam pela sua dama e pelo seu príncipe, os mantenedores da ordem devem lutar pela defesa da lei, pela prática do bem, e pelo fiel desempenho de sua missão.

O cumprimento do dever, é pois, a mística do policial: a sua bandeira, seu emblema, a sua divisa sagrada.